

1. O "porquê" dos ratos ou a força da "metáfora"

Uma boa parte das pessoas da minha geração tinham de "biblioteca", ao tempo em que se nos pôs o problema da legibilidade do mundo e das descrições que dele se iam fazendo, a ideia de "museu" de livros, de livros que não eram para ler, mas somente para serem guardados. E a imagem de "frequentador" de bibliotecas era a de "rato de biblioteca": alguém que conhecia os labirintos que levavam ao livro, que conhecia os "guardadores" desse livros, que conhecia os "esconderijos" onde as informações se aninhavam. A biblioteca, para nós, não tinha leitores, tinha apenas decifradores: decifradores que transformavam as "manchas" compactas dos livros em informação discursivamente ligada, devidamente datada, cautelosamente interpretada e, por vezes, pronta a ser lida por "leigos" com fraca ou nula iniciação.

Depois, essa mesma geração aprendeu que as grandes religiões ocidentais - judaísmo, cristianismo e islamismo - eram "religiões do livro". Isto é, aqui os textos suportados em livro eram não só documentos essenciais para a religião, como também uma "escritura" (ou mesmo "escritura sagrada") no sentido escrito: documento em que se selava a relação entre Deus e a Humanidade, e ainda como "documento" essencial na indicação das "normas" de conduta decorrente de uma dada cosmovisão. Esses livros eram a "Bíblia". Por outras palavras, os livros passavam a ser, para nós, "containers" da descrição do mundo, depositários do saber, "significante" do significado das coisas: o *catalogus mundi*.

E foi então que acordámos para o lado bom do "rato da biblioteca": «As coisas só deixam de existir quando são esquecidas. Basta a presença de um mendigo para um velho umbral não morrer» (Legenda de painel de Francisco Brenan, sobre texto de J. L. Borges). As bibliotecas são o sinal da

"imortalidade" dos autores, testemunho das pessoas que pensaram por nós, tornaram o nosso mundo legível. E enquanto os "ratos de biblioteca" desvendarem os seus segredos, esses autores e o seu esforço continuam a existir.

E voltamos a encontrar a velha metáfora do "rato" muitos anos depois nas "estradas da informação": com ele, como "chave", entramos nos segredos das bibliotecas, já não guiados pela mão dos "funcionários" do livro, mas damos por nós "passeando", "navegando", como se fôssemos um Vasco da Gama, com marés sempre a favor, com as "velas pandas" e sempre a acostar em terras de "Prestes João" dos sonhos que, às vezes, são reais mesmo antes de serem sonhados. Certamente, a metáfora do "rato" não vai acabar aqui. É que agora, o "rato" não tem apenas papel: o seu "menu" é muito mais variado e aprazível.

2. Da "biblioteca" à "bedoteca"

2.1. O sentido etimológico da "biblioteca" é o "lugar onde se guardam livros". Hoje, teremos de substituir essa definição por uma outra: o lugar onde se guarda e disponibiliza "informação", quer essa informação tenha como suporte o "livro", jornal, mapa, manuscrito, vídeo, cassete, discos ou disquetes, filmes. Não importa já o suporte: seja papiro, pergaminho, papel, material electrónico, etc. Podemos continuar a dizer, se quisermos, que "biblioteca" é o lugar onde se guardam e disponibilizam livros, mas aqui daremos a "livro" um valor muito mais amplo. Podemos optar por uma definição mais "consentânea e definir "biblioteca" como o lugar onde se guarda e disponibiliza informação, seja qual for o suporte ou meio de recuperação da informação. E é no entendimento tradicional de livro que se distingue biblioteca de mediateca, de videoteca, de bedoteca. Seja, no entanto, qual for o entendimento de biblioteca, esta já não é apenas o lugar onde se lê, mas

também onde se ouve e se vê. Chamemos-lhe, se quisermos ser rigorosos, bibliotecas multimédia, bibliotecas *on line*, com vídeos interactivos, etc.

2.2. Perante nomes tão sonantes, deixaríamos na sombra a "cultura" da biblioteca corrente na nossa língua quotidiana. Se observarmos o adjectivo que caracteriza e restringe o nome biblioteca, encontramos combinações como: *biblioteca escolar, biblioteca universitária, biblioteca científica técnica industrial, biblioteca privada, biblioteca pública, biblioteca municipal, biblioteca nacional, biblioteca patrimonial, biblioteca virtual*. Estas designações apontam para factos e factores muito diferenciados, apesar de o modelo construccional ser (aparentemente) o mesmo: umas apontam para objectivos, destinatários ou locais (onde se inserem), e aqui as palavras falam por si, outras apontam para o modo de funcionamento. Permito-me apenas chamar a atenção para a "biblioteca virtual/electrónica", em que as palavras-chave são informatização, automatização, rede de comunicação, digitalização. Isto é, os textos são previamente memorizados, tornando-se depois transmissíveis, reproduzíveis em qualquer país ou hora. A simples leitura dos nossos jornais do dia-a-dia diz-nos que tudo mudou.

3. *Paperless society* ou enriquecimento do conceito de biblioteca?

As velhas designações de bibliotecário, catalogador, arrumador, etc. - como nós guardamos boas recordações de muitos "denotados" por estes nomes! -, ou de "bibliotecas fechadas", "bibliotecas de acesso directo" e "bibliotecas de acesso restrito", "fichas" e "ficheiros" com muito pó à mistura, "armários com livros", etc., longas filas de estantes perfiladas em espaços escuros, são substituídas por outras com referentes muito mais "in", onde podemos pegar, folhear, ler, saltar, levar connosco ou deixar na estante, as

"ligações" em linha com parceiros com quem podemos partilhar as novidades e actualização constante. As bibliotecas onde podemos encontrar lugares de convívio com teorias de ponta, não nos devem fazer esquecer que o contacto com o "livro", deixando a nossa marca ao longo das páginas, continua a ser um dos parâmetros da cultura pessoal e personalizada e recusa da cultura massificada. Os alunos e estudantes actuais, tendo as fotocópias sempre à mão, nunca serão capazes de criar as relações livro-leitor ou investigador-instrumento de trabalho. A cor e o formato dos livros, o seu cheiro e peso, também são cultura.

Só roendo livros de papel, lombadas e encadernações, é que o «rato de biblioteca» se transformou em "rato" astronauta e parceiro das viagens interactivas em espaços ilimitados, com "menus" superiores aos dos "príncipes" da Renascença.

Mário Vilela